

A RECEPÇÃO DA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL DE ASSIS BRASIL

Autora: Marli Maria Veloso

Orientador: Diógenes Buenos Aires de Carvalho

Universidade Estadual do Piauí- UESPI

lilasveloso@yahoo.com.br

Resumo:

Na realidade piauiense, historicamente tivemos poucos e descontínuos registros consistentes de difusão da leitura segundo Magalhães (1998). Na atualidade muitos desafios se impõem ao trabalho com o texto literário – sobretudo de autores piauienses – nas nossas escolas. Partindo da concepção de Sistema Literário de Candido (2014), podemos afirmar que temos uma produção de literatura piauiense profícua. Um exemplo dessa produção de elevado nível estético é a extensa obra do escritor Assis Brasil sobre várias temáticas e para diversos públicos, inclusive o infantil e juvenil. Percebemos, no entanto, uma série de problemas que emperram o aumento da difusão da produção literária local, sobretudo na educação básica do nosso estado: a falta de levantamento bibliográfico de escritores piauienses que produziram/produzem literatura infantil e juvenil; excessivo distanciamento entre esses produtores de literatura e os potenciais leitores; a falta de políticas educacionais de incentivo à leitura; poucos estudos sobre a recepção do texto literário infantil e juvenil pela criança e/ou pelo jovem. Neste contexto, o presente estudo investigará acerca da experiência da recepção aos textos literários de Assis Brasil vivenciada nos últimos oito anos no município de Vila Nova do Piauí.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Infantil e Juvenil, Assis Brasil, Formação de leitores.

1 INTRODUÇÃO

No presente trabalho apresentamos reflexões concernentes ao projeto “A recepção da literatura infantil e juvenil de Assis Brasil”, assim delimitado “A recepção da obra de Assis Brasil, nas escolas do Ensino Fundamental do município de Vila Nova do Piauí.” Propusemo-nos a analisar a contribuição da estética da recepção com o objetivo de focalizar o leitor de textos literários como produtor do texto que dialoga com a obra; ao mesmo tempo, a literatura piauiense – mais estritamente a literatura infantil e juvenil do escritor Assis Brasil – apresenta-se como recorte de fundamental importância para o desenvolvimento da nossa pesquisa, pois, à luz do que nos ensina



Antonio Candido:

Comparada às grandes, a nossa literatura é pobre e fraca. Mas é ela, não outra, que nos exprime. Se não for amada, não revelará a sua mensagem; e se não a amarmos ninguém o fará por nós. Se não lermos as obras que a compõem, ninguém as tomará do esquecimento, descaso ou incompreensão. (ANTONIO CANDIDO, 2014)

Norteiam nossa investigação as seguintes questões:

- Como se configura a recepção da obra infantil e juvenil de Assis Brasil por alunos do Ensino Fundamental?
- Quais os horizontes de expectativas presentes na obra assisiana?
- Como ocorre o cruzamento de horizontes de expectativas entre a obra infantil e juvenil de Assis Brasil e o leitor?

Partindo dos questionamentos elencados, nosso objetivo é analisar a recepção da obra infantil e juvenil de Assis Brasil com o intuito de conhecer os efeitos que a mesma produz na formação do leitor infantil e juvenil no município de Vila Nova do Piauí; conhecer como a escola e a biblioteca municipal concebem a leitura e o leitor; observar como escola e biblioteca vilanovenses compreendem as dimensões que constituem o texto literário voltado para crianças e adolescentes; compreender como as crianças e os adolescentes, estudantes do Ensino Fundamental, receberam/recebem a obra infantil e juvenil de Assis Brasil; conhecer os hábitos e interesses de leitura de docentes, auxiliares de biblioteca, crianças e adolescentes com base nas experiências vivenciadas a partir de 2007.

Com o intuito de atender aos objetivos propostos neste projeto, optamos pela realização de uma Pesquisa de Campo, nas escolas de ensino fundamental e na biblioteca do município de Vila Nova do Piauí, visando avaliar a recepção das crianças e adolescentes aos textos literários infantis e juvenis de Assis Brasil e o desdobramento dessas leituras no processo de formação desses leitores.

Para subsidiar a nossa pesquisa realizaremos, também, entrevistas com docentes, discentes e auxiliares da referida biblioteca; analisaremos o Projeto Político Pedagógico das escolas pesquisadas, os roteiros das análises literárias propostas pelos professores que conduziram/conduzem a iniciativa, e os documentos da biblioteca que registram o fluxo de visitas e empréstimos. O recorte temporal da nossa investigação é a experiência vivenciada nos últimos oito



anos, ou seja, de 2007 – quando teve início o trabalho de incentivo à leitura da obra de Assis Brasil – a 2015.

2 A Estética da Recepção e a obra de Assis Brasil

Por compreendermos que a leitura deve ser concebida como ação dinâmica, criativa, significativa e como processo de interação entre autor e leitor mediados pelo texto, o embasamento teórico para a pesquisa sobre a recepção dos textos infantis e juvenis de Assis Brasil dar-se-á sob os paradigmas da estética da recepção. Utilizamos, entre outros títulos, obras de Hans Robert Jauss, como *A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária* (1994), que discorre sobre aspectos importantes da literatura e concebe o leitor como parte de um sistema que deve levar em conta tanto o autor quanto a sua obra e a sua recepção. A partir dessa perspectiva, a literatura atinge sua função quando consegue promover rupturas e realocar o posicionamento do leitor frente à sociedade. Outro aspecto importante é que a estética da recepção provoca uma reflexão sobre o papel do professor enquanto mediador da recepção de textos literários e das atividades que contribuem para a formação do aluno leitor.

No contexto no qual foram lançados os questionamentos que se configurariam como o manifesto da estética da recepção o ensino da história da literatura estava reduzido às perspectivas das teorias marxista e formalista em voga e, as formulações de Jauss asseguram que a qualidade e a categoria de uma obra literária não resultam nem das condições históricas ou biográficas de seu nascimento, nem tão-somente de seu posicionamento no contexto sucessório do desenvolvimento de um gênero, mas sim dos critérios da recepção, do efeito produzido pela obra e de sua fama junto à posteridade, critérios estes de mais difícil apreensão.

Jauss propõe a integração entre teoria da literatura e história da literatura e uma mudança de paradigmas no foco dos estudos literários a partir do qual o leitor é concebido como parte de um sistema que deve levar em conta tanto o autor quanto a obra e a sua recepção. Segundo o autor, a literatura atinge sua função quando consegue promover rupturas e realocar o posicionamento do leitor frente à sociedade.

Segundo Zilberman,



Jauss propõe uma inversão metodológica na abordagem dos fatos artísticos: sugere que o foco deve recair sobre o leitor ou a recepção, e não exclusivamente sobre o autor e a produção. Seu conceito de leitor baseia-se em duas categorias: a de horizonte de expectativa, misto dos códigos vigentes e da soma de experiências sociais acumuladas; e a de emancipação, entendida como a finalidade e efeito alcançado pela arte, que libera seu destinatário das percepções usuais e confere-lhe nova visão da realidade. (Zilberman, 1989, p.49)

Os princípios da estética da recepção compõem um escopo teórico e metodológico que Jauss nos apresenta a partir de sete teses. Na primeira tese encontramos a premissa de que os preconceitos concernentes ao objetivismo histórico precisam ser descartados, pois a historicidade da literatura reside no experienciar da obra literária por parte dos leitores.

A segunda tese descreve a recepção e o efeito de uma obra a partir de expectativas que dizem respeito ao conhecimento prévio do gênero, da forma e da temática de obras que componham o repertório do leitor.

Ao formular a terceira tese Jauss nos remete à reflexão sobre o momento histórico no qual a obra surge e em que medida atende, supera, ignora ou contraria as expectativas do público. Destaca também a importância da contemplação literária acontecer numa perspectiva dialética para que os horizontes de expectativas propiciem que a análise do efeito literário adentre a dimensão de uma história da literatura na perspectiva do leitor.

Na quarta tese há o destaque para a diferença hermenêutica entre a compreensão passada e a presente de uma obra evidenciando que a reconstrução do horizonte de expectativa propicia o conhecimento de sua recepção. O projeto estético-recepcional de uma história da literatura proposto por Jauss considera três aspectos: o diacrônico, o sincrônico e o do desenvolvimento literário imanente com o processo histórico mais amplo.

Na quinta tese Jauss destaca que para apreender sentido e forma da obra literária é preciso considerar o desdobramento histórico de sua compreensão aliado à inserção da obra isolada no contexto da experiência literária para que sua posição e significado possam ser conhecidos.

Na sexta tese Jauss justifica a necessidade de se observar a história da literatura a partir dos pontos de intersecção entre diacronia e sincronia, numa articulação que historicamente considere o caráter processual do que o autor chama de “evolução literária”.

Na sétima tese encontramos a função social da literatura, que fora perdida, e que segundo o autor somente se manifesta na plenitude se suas possibilidades quando a experiência literária do leitor adentra o horizonte de expectativas de sua vida prática, pré-formando seu entendimento do mundo e, assim, retroagindo sobre seu comportamento social. O projeto de Jauss, de acordo com Zilberman (1989, p. 111),



“pode obter resultados para além das fronteiras da literatura, indicando em que medida tem cunho social e está comprometido com o presente.” Nesta tese encontramos o diálogo que se estabelece entre a estética da recepção e a produção literária de Assis Brasil que, em entrevista concedida a Carlos Menezes, no Jornal O Globo, de 6 de abril de 1979, afirma não separar a significação social da significação estética da literatura.

Concernente à estética da recepção, podemos constatar que a mesma redimensionou conceitos, ampliou perspectivas e consolidou-se como base de sustentação da teoria que deslocou o foco do texto enquanto estrutura e deu visibilidade à importância da história literária levar em consideração a recepção, privilegiando, deste modo, a posição que o leitor assume dentro dos estudos literários a partir de uma relação dialógica com o texto, para que a experiência estética seja prazerosa e proporcione conhecimento e ampliação dos horizontes de leitura que contribuem para um maior conhecimento do mundo e de si mesmo, como reitera Zilberman

Uma conquista da estética da recepção foi a noção de que os sistemas não explicam tudo, portanto, de que o novo pode emergir de lugares inesperados, exigindo que se esteja não só atento para a novidade, mas que se mantenham os sentidos em forma para perceber, compreender, e interpretar da melhor maneira possível sua ocorrência. Talvez o mérito principal da estética da recepção resida em que traz embutida essa concepção, procurando extrair dela uma metodologia para conhecer a literatura. Nessa medida, parece ter muito para ensinar ao leitor, encarado como principal elo do processo literário. (Zilberman, 1989, p. 12)

De acordo com Aguiar (1996, p.29), nessa relação o leitor deve perceber que “seu horizonte individual, moldado à luz da sociedade de seu tempo, mede-se com o horizonte da obra e que, desse encontro, lhe advém maior conhecimento do mundo e de si próprio”.

3 A literatura infantil e juvenil e a formação de leitores

Durante muito tempo considerada como subgênero, vale frisar que nos últimos tempos a literatura infantil ganhou destaque. Conforme Lígia Cademartori:

A questão da literatura infantil tornou-se inseparável da questão da educação. Consequentemente, veicula-se com a questão escolar, embora o livro infantil seja literário na medida que supere todo o interesse dessa e de outras instituições. (CADEMARTORI, 1994, p. 66)

A autora reitera ainda que:



A literatura infantil se configura não só como instrumento de formação conceitual, mas também de emancipação da manipulação da sociedade, se a dependência infantil e a ausência de um padrão inato de comportamento são questões que se interpenetram, configurando a posição da criança na relação com o adulto, a literatura surge como um meio de superação da dependência e da carência por possibilitar a reformulação de conceitos. (CADEMARTORI, 1994, p.23)

Vale salientar que os Parâmetros Curriculares Nacionais da área de Língua Portuguesa enfatizam que as pessoas aprendem a gostar de ler quando, de alguma forma, a qualidade de suas vidas melhora com leitura (PCN's, vol. 2, p.24.). Corroborando com o que preconiza os PCN's e acrescentando o papel fundamental do professor no processo de formação de leitores – enquanto participante ativo na tomada de gosto pela leitura e no desenvolvimento do aluno – encontramos em Richard Bamberger:

O que leva o jovem leitor a ler não é o reconhecimento da importância da leitura e sim várias motivações e interesses que correspondem a sua personalidade e ao seu desenvolvimento intelectual. A percepção dessas motivações e interesses esclarece qual é a tarefa do professor: treinar jovens leitores bem-sucedidos apresentando-lhes o material de leitura apropriado, de modo que o êxito não somente inclua boas habilidades de leitura mas também o desenvolvimento de interesses de leitura capazes de durar a vida inteira. (BAMBERGER, 1995, p. 31)

Concernente à importância do livro, pode-se afirmar que este contribui de forma extraordinária para o desenvolvimento pessoal e social, através da construção identitária e do sentimento de pertencimento que provoca nos membros das comunidades que a ele têm acesso. Comungando com este pensamento, o escritor argentino Jorge Luís Borges argumenta enfaticamente:

Dos instrumentos utilizados pelo homem, o mais espetacular, é sem dúvida, o livro. Os demais são extensão de seu corpo. O livro não. O livro é uma extensão da memória e da imaginação...o livro é lido para eternizar a memória. (BORGES, 1985, p.05)

É nessa perspectiva que o livro infantil e juvenil apresenta-se como de vital importância para o desenvolvimento integral da criança, que precisa aprender o prazer da leitura antes de aprender a ler. No que diz respeito ao papel da leitura, mais especificamente com a função de desenvolver o



gosto pelo universo das letras, Bordini (1994) assegura que a literatura infantil deve estar no dia a dia com o objetivo profícuo de abrir horizontes que possibilitarão liberdade e autonomia de pensamento. Sem esse processo de abertura de novos espaços através da viagem pela imaginação, de construção da independência intelectual, de formação de autonomia e, sobretudo, de educação libertária que a leitura proporciona os horizontes permanecem limitados, finitos.

É importante ressaltar que, conforme afirma Carvalho (2011, p.38-39), “escrever para a infância não é escrever de modo simplório, mas escrever com fluência e versatilidade a fim de ampliar seu repertório linguístico e instrumentalizá-la para perceber o jogo de linguagem característico da literatura”.

Outro aspecto relevante e assinalado por Zilberman (1982), enfatiza que a literatura infantil e juvenil se constrói enquanto gênero por meio do destinatário especial que possui, assumindo um papel de ampliar o horizonte do leitor e suscitar sentimentos críticos por meio de personagens com os quais o leitor se identifique.

Essa identificação de que nos fala Zilberman abre espaço para uma nova e importante função da literatura, que Candido (2014) chama de função humanizadora. De acordo com o crítico, essa função permite ao homem encontrar na literatura aspectos de sua própria humanidade, devolvendo-lhe uma consciência humana modificada pela leitura da obra literária. Por outro lado, aponta a função alienadora, que alimenta no leitor preconceitos que o impedem de ver valores e conceitos no que ele leu.

O nosso acreditar na importância da relação dialética a ser estabelecida entre autor, texto e leitor – mediada pela leitura e os seus desdobramentos – parte do pressuposto defendido por Silva (1992), segundo o qual a educação brasileira precisa de uma injeção de filosofia e de política para rompermos com a alienação, com a passividade e com a massificação a partir da ampliação dos horizontes de leitura, garantindo que cada criança e cada jovem possam desenvolver-se de forma holística com “criatividade, consciência da linguagem e consciência crítica” (COELHO, 2000, p. 130).

4 A Literatura Infantil e Juvenil no Piauí

Na realidade piauiense, historicamente tivemos poucos e descontínuos registros consistentes

de difusão da leitura segundo Magalhães (1998). Na atualidade muitos desafios se impõem ao trabalho com o texto literário – sobretudo de autores piauienses que escrevem para crianças e adolescentes – nas nossas escolas. Partindo da concepção de sistema literário de Candido (2014), podemos afirmar que temos uma produção de literatura piauiense profícua. Percebemos, no entanto, uma série de problemas que emperram o aumento da difusão da produção literária local, sobretudo na educação básica do nosso estado: a falta de levantamento bibliográfico de escritores piauienses que produziram/produzem literatura infantil e juvenil; excessivo distanciamento entre esses produtores de literatura e os potenciais leitores; a falta de políticas educacionais de incentivo à leitura; poucos estudos sobre a recepção do texto literário infantil e juvenil pela criança e/ou pelo jovem.

Apesar das adversidades temos uma produção de elevado nível estético. Um exemplo é a extensa obra do escritor Assis Brasil sobre várias temáticas e para diversos públicos, inclusive o infantil e juvenil. Francisco de Assis Almeida Brasil nasceu a 18 de fevereiro de 1932, na cidade de Parnaíba(PI), publicou seu primeiro livro “Verdes Mares Bravios”, em 1953, e, em 1955, aos vinte e três anos, ganhou o Prêmio Nacional do Jornal de Letras do Rio de Janeiro dando ao Piauí seu primeiro prêmio literário. A obra assisiana foi condecorada com o prêmio Walmap – o maior prêmio literário do país à época – em 1965 com “Beira rio beira vida” e, em 1975 com “Os que bebem como os cães”.

O Estado do Piauí já lhe prestou algumas homenagens: em Parnaíba há uma Fundação Cultural e uma escola com seu nome; em Alegrete do Piauí, há a Biblioteca Municipal Assis Brasil; o Salão do Livro do Piauí – SALIPI – em 2006 e o Salão do Livro de Parnaíba – SALIPA – em 2014 o escolheram como escritor homenageado; em Vila Nova do Piauí, no ano de 2007, realizou-se o II Congresso Regional de Cultura em sua homenagem; em Teresina, o SESC Ilhotas, denominou sua biblioteca com o nome de Assis Brasil; no SALIPI há a praça Assis Brasil; a Universidade Federal do Piauí concedeu-lhe o título de Doutor Honoris Causa, em 2012; a Universidade Estadual do Piauí realizou em 2016 dois eventos em homenagem ao escritor: no Campus Clóvis Moura o 1º SALICEU – Salão do Livro do Dirceu – em parceria com a Fundação Quixote; e, o Campus Torquato Neto, através do Mestrado Acadêmico em Letras, a I Jornada de Leitura e Literatura Infantil e Juvenil.

A produção literária assisiana é propulsora de diversas pesquisas no meio acadêmico piauiense. As obras que integram a “Tetralogia Piauiense”, o “Ciclo do Terror” e a Crítica



Literária são objeto de estudo de diversas dissertações de mestrado e teses de doutorado. Assis Brasil numa longa caminhada literária entre novelas, romances, ensaios, contos e crítica literária já publicou também 56 obras infantis / juvenis, por 24 editoras e continua em plena atividade.

No entanto, apesar da relevância de sua obra destinada às crianças e adolescentes, a mesma não tem ocupado lugar de destaque no espaço acadêmico e no cenário educacional piauiense. O que existem são iniciativas pontuais que visam a difusão da literatura piauiense no âmbito escolar, como a que vem ocorrendo em Vila Nova do Piauí na qual a obra infantil e juvenil de Assis Brasil passou a fazer parte da vida das escolas municipais desde 2007.

4 Considerações finais

Nossa pesquisa se propõe a investigar o impacto provocado pela iniciativa da rede municipal de ensino na vida dos leitores vilanovenses a partir da recepção aos textos literários de Assis Brasil destinados à criança e ao adolescente, no recorte temporal especificado.

Embora a abordagem seja incipiente, pois como afirma Carvalho (2011, p.18) “a recepção do texto literário infantil pela criança ou jovem, no entanto, é pouco explorada pelos estudiosos da literatura infantil e juvenil”, nos propusemos a analisar a contribuição da estética da recepção no processo de formação de leitores e após a nossa trajetória no universo da pesquisa esperamos pode compreender:

- Qual a contribuição da literatura infantil / juvenil de Assis Brasil para formação de leitores?
- Que vínculos identitários e de sentimento de pertencimento ela desperta nos leitores?
- Como foi/está sendo recebida a obra de Assis Brasil pelo leitor infantil em formação? E pelo juvenil?
- A obra infantil e juvenil de Assis Brasil propicia ao leitor retroagir sobre seu comportamento social?
- Que caminhos a escola e a biblioteca vilanovenses percorreram/percorrem para reconhecer a importância do leitor – que dialoga com a obra – e para resgatar a relação entre literatura e história?

Vale ressaltar que as reflexões aqui esboçadas são preliminares em função da fase inicial em que a pesquisa se encontra.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Vera Teixeira de. **O leitor competente à luz da teoria literária**. In: *Revista Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, 124:23/34, Jan. – mar., 1996.
- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. 6 ed. São Paulo: Ática, 1995.
- BORDINI, Maria da Glória. **Poesia infantil**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1994.
- BORGES, Jorge Luís. **Ensaio**. 2 ed. Brasília: UNB, 1985.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, vol.2.
- CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. 6 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CÂNDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 15ed. São Paulo: Saraiva, 2014.
- CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de. **As crianças contam as histórias: os horizontes dos leitores de diferentes classes sociais**. Teresina: EDUFPI, 2011.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.
- JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.
- MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. **Literatura piauiense – horizontes de leitura e crítica literária (1900 – 1930)**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Os (des) caminhos da escola: traumatismos educacionais**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 1992.
- ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989.